

Falta de vaga na UTI atrasa cirurgia renal

Paciente de 59 anos corre o risco de perder os dois rins se o procedimento cirúrgico não for realizado



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Greycy Andrade
DA EQUIPE JC

O pescador Carlos Alberto Santos, 59 anos, sofre de problemas renais. Segundo ele, ao fazer exames a pedido do médico que o acompanha, ficou constatado que ele já está com um rim completamente comprometido e, por isso, precisa ser retirado com urgência, o outro está funcionando com 15% de sua capacidade. Mas, infelizmente, a única resposta que ouve é que não existe vaga na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital São José. Enquanto não consegue se operar, Carlos Alberto toma remédios para aliviar a dor, que muitas vezes chega a ser insuportável, segundo relata.

Conta que há quase dois anos começou a sentir dores no rim, por isso resolveu procurar o posto de saúde que o encaminhou ao Centro de Especialidades Médicas (Cemar), no bairro Siqueira Campos, para se consultar com o médico. Desde então, vem sendo acompanhado por um especialista. "Ele me pediu para fazer um exame para saber se eu podia ser operado, paguei R\$ 1.025 nesse exame para ver se eu conseguia urgência nessa cirurgia, mas até agora nada. O médico disse que é porque não tem vaga na UTI do São José, mas, mesmo assim, ele não agendou nada, nem me colocou na fila de espera. Fui fazer um exame no Hospital Universitário, e meu rim está funcionando só com 15% de capacidade, me disseram que se chegar a 10% ele vai parar", lamenta.

Ainda segundo Carlos Alberto, há uns 15 dias estiveram novamente no Cemar para uma

consulta, mas a resposta foi que ele só precisa voltar para o consultório se tivesse com infecção urinária, com muitas dores e com febre. "Só fui voltar para casa e comecei a sentir tudo isso, até urinar sangue eu urinei. Estou numa situação horrível, precisando ser operado. Fico pensando que a qualquer momento posso piorar, porque doença de rim é complicada, a gente vive sem um rim, mas sem os dois não vive né? Para aliviar as dores ou tomo um remédio, ou tomo chá, na maioria das vezes tomo chá mesmo", conta.

A esposa de Carlos Alberto, Maria Ducinete Santos, contou ainda que os médicos disseram que ele poderia fazer a cirurgia na rede particular, mas que eles teriam que pagar. "Em todos os médicos que ele se consultou, um pediu R\$ 40 mil, o outro R\$ 30 mil. Eu cheguei e falei para o médico: doutor, qual o pescador que tem esse dinheiro? É claro que não tem, o menos que cobraram foi R\$ 8 mil, mas se faz de graça, não tem porque pagar,

por enquanto, ficamos esperando uma resposta, ver se aparece vaga nessa UTI", relata.

A assessora de Comunicação da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), Cristina Rochadel, informou que o problema de vagas nas UTIs é generalizado, e que para a realização de cirurgia renal, é obrigatório ir para UTI. "Existem algumas cirurgias que o paciente após se operar pode ir para a enfermaria, mas cirurgias cardíacas e renais não podem. E, infelizmente enquanto os pacientes que já estão na UTI não saírem, outras pessoas não podem ser colocadas no lugar. Esta é uma situação complicada, mas estamos tentando resolver", informou.

▼ "FIZ OS EXAMES NO HU.
MEU RIM ESTÁ FUNCIONANDO
COM 15% DA CAPACIDADE.
ME DISSERAM QUE SE
CHEGAR A 10% ELE PARA"

Transplantes de rins estão suspensos porque não há equipe especializada

Sergipe é autorizado pelo Ministério da Saúde a fazer transplante de coração, rim, córnea e osso. Mas, desde o início deste ano, não realiza mais transplantes de rim por falta de equipe especializada para realizar. Mas desde 2007 quando Sergipe passou a realizar transplantes, já foram realizados 1.012 procedimentos, sendo 108 renais, 988 córnea, dois coração e 14 transplante ósseo, segundo informações da Secretaria de Estado da Saúde (SES). O coordenador da Central de Transplante da SES, Benito Fernandez, explica que existem duas modalidades de autorização, uma do estabelecimento, e uma da equipe.

“Existiam em Sergipe duas equipes cadastradas para fazer transplantes, no entanto as equipes solicitaram descredenciamento e agora só existe a do estabelecimento, por isso, sem as equipes, Sergipe deixou de realizar o transplante renal. Fazemos o transplante de córnea, osso, rim e coração, sendo o que rim está parado. A gente só tem disponibilidade de coração, córnea e osso”, explica.

Ainda segundo Benito, por esse motivo, atualmente não existe mais fila de espera para transplante renal em Sergipe. Ou seja, as pessoas que precisam realizar esse procedimento são cadastradas e mandadas para fazer o transplante em outros estados, custeado pelo Estado. “Não temos mais pacientes cadastrados em Sergipe esperando para fazer transplante renal, tendo em vista que fevereiro de 2012 uma equipe pediu o descredenciamento, e em outubro a outra equipe não renovou a autorização, então ficamos sem equipes, e os paciente estão sendo encaminhados para fora do domicílio para outra unidade da federação onde tenha o procedimento”.

Ele explica que transplante é um procedimento de alta complexidade, e ele está na alicerçada na média complexidade. “Se a média não está bem, não está atendendo a demanda, isso tem reflexo. Por exemplo, o médico solicita um exame, o paciente demora a marcar, quando ele faz um, faz o outro, o primeiro já venceu,

então, nós tentamos com o Ministério Público com a Secretaria de Saúde de Aracaju priorizar esses exames para transplantes como pré e pós-operatório. Começamos regularmente, no entanto o prestador às vezes se descredenciava e ficava novamente sem fazer os exames”.

Vale ressaltar, segundo Benito, que o implante do órgão, que é chamado de transplante, é um procedimento; a retirada do órgão do paciente o Estado continua fazendo. “A gente faz a captação desses órgãos, mesmo sem ter essa equipe no Estado; acionamos a Central de Transplantes que fica em Brasília, e ela entra em contato com as outras equipes na região, essas equipes veem para cá e fazem a captação e os órgão são transplantados em outro Estado. A gente espera que esse problema seja equacionado o mais rápido possível, para a gente poder transplantar aqui no Estado”, coloca.

Transplante é um procedimento complexo, que envolve várias etapas. “Primeiro tem

que ter uma sensibilização de todo o segmento da sociedade, no sentido de autorizar a doação de órgãos e tecidos. Depois a gente tem que ter o profissional de saúde disposto ou com habilidade para fazer o diagnóstico de morte encefálica, que é nessa condição que a pessoa pode ser efetivamente doadora de órgãos, depois dessa condição a pessoa autoriza e aí a gente realiza o restante do procedimento. Mas a gente tem dificuldade porque a lei estabelece alguns critérios para a morte encefálica, são três avaliações, sendo duas clínicas, com intervalo de seis horas, sendo uma dessas avaliações feita por um neurologista, e depois documentar que o encéfalo não tem mais atividade, depois de declarada morta é que a família pode autorizar, e quanto mais demora não tem mais condições de doar”, revela, complementando ainda que atualmente na lista de espera existem 70 pessoas esperando para fazer transplante de córnea.